

19-08-2020

O vírus não gosta de praia

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Em Portugal estamos no verão. Ao revés do Brasil, que com suas imensas diversidades geográficas, em muitas províncias têm lá suas confusas estações do ano, em Portugal, são todas bem nítidas. Verão aqui, pá, é verão bem do mesmo mesmíssimo. E vamos à praia.

Portugueses somos marítimos, como sabeis.

Se não o fossemos, o Brasil não seria o Brasil. Talvez, oxalá, fosse melhor, mas creio que não, nem que seja para afirmar meu orgulho lusitano. Só não posso confirmá-lo em tempos atuais com Bolsonaro no poder. Inverno em toda a extensão do Brasil. Na estação e na política. Faz frio n'alma de brasileiros que primam pela defesa de direitos.

E por aqui, mesmo em verão, um friozinho percorre a espinha dos que à distância amam o Brasil.

Pois, nas praias de Portugal, os grupos de banhistas sedentos de sol devem distanciar-se, entre si, de no mínimo um metro e meio. Guarda-sóis e barracas deverão fincar-se a três metros de distância uns dos outros. Aluguel destes acessórios são imprescindíveis em praias portuguesas, efetuado nos restaurantes e bares, também está sob o jugo de rígidas regras. Cada um dos úteis apetrechos está a ser limitado ao número máximo de cinco pessoas de um mesmo grupo e só poderá efetuar-se pelos mesmos clientes previamente cadastrados por um único período do dia.

Durante a manhã poderá realizar-se até às 13 horas e 30 minutos pontualmente. À tarde, ora pois, somente a partir das 14h. Entre 13:30 e 14:00 nada foi estabelecido, ao que parece, até o momento. Não se tem notícia de algum gajo haver tentado o aluguel neste interregno e qual o desfecho da tentativa. Pois vamos estudando com afinco as regras tão bem estabelecidas por algum burocrata de paletó que à praia, ao que tudo indica, nunca pôs os pés envoltos por meias que lhes resguardam o chulé administrativo.

Qualquer que seja o local onde se aloje o banhista - areia, restaurantes, bares ou, ora vejamos, mesmo dentro d'água - é responsabilidade de cada ser humano praieiro manter a distância de um metro e meio de qualquer outro exemplar da mesma espécie ao redor. Não bastasse, a tecnologia informacional da pós-modernidade foi convocada para disciplinar a ida à praia em tempos de pandemia.

Um semáforo, como um panóptico ao reverso, indicará a lotação de banhistas em cada praia portuguesa.

Tudo em tempo real. O elemento informativo deverá ser consultado através do aplicativo InfoPraia, antes que o banhista saia de seu isolamento social, esteja onde estiver, a se aventurar para dirigir-se, ora pois, à praia. Ou mesmo que não esteja em isolamento social, ao decidir ir à praia deverá inexoravelmente adotá-lo.

A consulta imprescindível e decisiva poderá ser efetuada também no site da [Agência Portuguesa do Ambiente](#), caso vierdes a Portugal e fordes à praia.

Uma luz verde ofuscante, mas ofuscada pela luz do sol, a não ser que o tempo esteja nublado, indicará praias com até 1/3 da frequência. Por outro lado uma luz amarela do semáforo, não tão ofuscante por confundir-se à cor do próprio sol, indicará praias com 2/3 de ocupação. Por fim, muito cuidado! Uma luz vermelha, ameaçadora, indicará praias lotadas!! Durante o período de exceção balneária será proibido estacionar carros fora dos locais oficiais, como se já não o fossem em tempos pré-pandêmicos.

Práticas esportivas a partir de 2 pessoas estão totalmente proibidas! Ora, não seria mais fácil dizer que só são permitidas práticas esportivas individuais? Algo do tipo chute a golo, em que o gajo bate a pelota em direção à meta e corre para agarrá-la. Mas há uma exceção: esportes náuticos e surfe (meu preferencial), incluso aulas.

Pedalinhos, brinquedos aquáticos e chuveiros internos também são proibidos. Pois deve estar a parecer que me coloco um tanto em contraposição às medidas protetivas para ir à praia em tempos de pandemia. Não é bem o caso, mesmo sendo eu um surfista inveterado como já vos assinaiei. Ocorre que tenho acompanhado muito de perto a literatura internacional sobre a transmissão do Covid-19 e como cientista social curvo-me às evidências científicas.

Pelo tudo do que li até agora, o coronavírus da hora não vai à praia. Eu mesmo já tinha lá minhas desconfianças de que vírus não gosta de praia. E nem a praia gosta de vírus.

A praia gosta de enfermidades e acometimentos de outras ordens: larvinhas migradoras que entram pelos pés de miúdos, a partir de cocô de cães; insolação; queimaduras em peles afoitas e desavisadas; câncer de pele em longos prazos; afogamentos; desaparecimento de miúdos; intoxicações e cagações por alimentos castigados ao sol, entre outras e outros. O vírus, se lhe fosse dado pensar, estaria a pensar o quanto se preocupam com as praias e o quanto estão deixando de se preocupar com o que lhe interessa para exercer sua missão propagadora.

Falo agora de Portugal e, mais precisamente, do Brasil.

As fábricas... olhai as fábricas, os frigoríficos, as plantas químicas, plásticas, cimenteiras, de papel, alimentos, bebidas, metalúrgicas, siderúrgicas... olhai!

Os shoppings e supermercados, restaurantes, clubes, comércio em geral, festas e templos... olhai!

Os transportes... olhai para os transportes... Se em Portugal os coletivos transportadores são menos locupletados, no Brasil são verdadeiras incubadoras de vírus covids e outros. Os presídios.... olhai para os presídios. Onde o único ser vivo em liberdade é o vírus.

Os lares... olhai para os lares. Se não é lá que começa é lá que termina. Olhai para o lugar certo. Praia é a casa do Sol.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.